

O FORMATIVO ELETRO-: DADOS HISTÓRICOS E PROPOSTA DE CATEGORIZAÇÃO

João Carlos TAVARES da SILVA¹
(Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Resumo: *Este artigo tem o propósito de analisar o estatuto morfológico do formativo eletro-, observando, ainda, o comportamento histórico do formativo. Para tanto, toma por base dados sincrônicos e diacrônicos.*

Palavras-chave: *Morfologia; Categorização Formação de palavras.*

INTRODUÇÃO

O estatuto morfológico do formativo eletro- foi abordado por alguns autores (PEREIRA, 1940; DUARTE, 1999; SANDMANN, 1989; CUNHA & CINTRA, 1985; entre outros) que tentaram definir um rótulo para esse elemento com base em critérios formais e semânticos. Todos se repelem pelo fato de cada um rotular eletro- com uma etiqueta diferente – prefixo, afixoide, radical – e por se basearem em critérios distintos. O que os aproxima é justamente o viés tradicional de categorização pelo qual se tenta definir de forma discreta o formativo eletro-. Será feita, neste capítulo, uma breve revisão bibliográfica acerca do estatuto morfológico de eletro- em português. Logo após, apresentamos nossa análise sobre a questão.

1. ELETRO: RADICAL, PREFIXOIDE OU PREFIXO?

A definição do estatuto categorial dos elementos morfológicos é algo controverso na literatura, principalmente em correntes que tentam definir com precisão o *locus amoenus* de cada unidade linguística. Devido aos vários e distintos olhares dos estudiosos para os elementos morfológicos e suas categorias, o formativo eletro- tem recebido classificações distintas: ora como radical (PEREIRA, 1940; DUARTE, 1999), ora como pseudoprefixo (CUNHA & CINTRA, 1985), ora como prefixo (SANDMANN, 1989).

Pereira (1940) inclui eletro- numa lista de radicais gregos. Ressalta que tais radicais têm amplo uso nas ciências e nas artes. Cunha (1980) também reserva para eletro- um lugar no grupo dos radicais gregos. Segundo o autor, eletro- é um dos vários radicais gregos que ocupam a primeira posição em compostos e servem de base para a formação de eruditismos.

Em obra posterior, o mesmo Celso Cunha, juntamente com o filólogo e gramático português Lindley Cintra (CUNHA & CINTRA, 1985), trata do formativo eletro- na seção destinada à *Recomposição*, no item *Pseudoprefixos*. Afirmam os autores que “*esses radicais que assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se pseudoprefixos ou prefixóides*” (CUNHA & CINTRA 1985: 114).

¹ Doutorando em Letras Vernáculas.. E-mail: jctavarescavalcantilima@gmail.com

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

Duarte (1999) faz críticas à descrição de Cunha & Cintra sobre os pseudoprefixos, afirmando que os autores se baseiam em Li Ching (1973), Jordan e Manoliu (1980) e Carvalho (1974) como se esses três autores tratassem da questão em uníssono. Duarte (op. cit.) apresenta dois critérios que considera fundamentais para a identificação de um pseudoprefixo: a pauta acentual e a braquissomia. O autor faz uma ressalva com relação ao formativo eletro-, indo de encontro à descrição de Cunha & Cintra (1985):

“o pseudoprefixo se ancora em dois parâmetros interligados: a pauta acentual e o emprego braquissômico, este último entendido como derivação truncada estrutural e a redução contextual. Os parâmetros citados, por si sós, não bastam, pois há que se fazer descontos da possibilidade de emprego em mais de uma posição no vocábulo e a geração de derivados. Deste modo, *odonto* e *eletro*, usados em lugar de *odontologia* e *eletrocardiograma*, não constituem pseudoprefixos. O primeiro engendra derivados e goza de mobilidade; o segundo, por seu turno, gera formações sufixais.” (DUARTE 1999: 352)

Pode-se concluir, então, que, para o autor, a existência de formas como ‘elétrico’, ‘eletrizar’ e ‘eletrificar’ é suficiente para classificar eletro- como radical (e não como pseudoprefixo). Não concordamos com a análise de Cunha & Cintra (1985), nem com a de Duarte (1999), como destacaremos mais adiante.

Sandmann (1989) não faz menção direta ao formativo eletro-. Entretanto, sua análise e definição de radical preso, prefixo e prefixoide nos faz concluir que o autor colocaria eletro-junto aos elementos de prefixação. Para ele, pseudoprefixos são apenas elementos que se prestam à formação de palavras em série, mas que apresentam um correspondente que ocorre livremente na língua, como contra- e além-, por exemplo. Além disso, o autor ressalta que, “quando elementos de origem estrangeira, como, por exemplo, auto- e pseudo-, se integram no português e se prestam para formações em série, eles fazem parte dos prefixos e não são considerados mais radicais estrangeiros presos.” (SANDMANN, 1989:13-14).

Realmente, o exorbitante número de palavras com eletro- (306 itens lexicais rastreados, como destacamos em 3.2, a seguir) mostra sua indubitável capacidade de formar séries de palavras. Além disso, eletro- se anexa a palavras do português, o que corrobora sua incorporação à língua. Algumas formações já são itens estabelecidos e dicionarizados (‘eletrobomba’; ‘eletrocisão’), ao passo que outras são neologismos recentes (extraídos de pesquisas no *google*, como ‘eletrotaxi’ e ‘eletrolivro’), o que mostra sua produtividade para além da nomenclatura técnica e científica, na qual o uso amplo de eletro- já é conhecido. Entretanto, mesmo o formativo eletro-se enquadrando nos parâmetros que o autor utiliza para classificar elementos de origem greco-latina como prefixos (e não como radicais presos), acreditamos que classificar o formativo eletro-como prefixo com base apenas nesses dois critérios simplifica demasiadamente a questão, escondendo a complexidade que há por trás de suas formações.

Em primeiro lugar, acreditamos que modelos que tentam definir com precisão o estatuto de um elemento morfológico acabam, até certo ponto, falhando em sua tarefa, pois dão margem a muitas controvérsias. Em segundo lugar, e com relação ao elemento eletro- especificamente, acreditamos que não é viável e coerente classificar todas as formações do tipo eletro-X como se fossem idênticas. Nas próximas seções, apresentaremos nossa proposta de análise para as construções eletro-X; antes, porém, é necessário descrever a metodologia utilizada.

2. METODOLOGIA

O *corpus* analisado se constitui de 344 palavras recolhidas de dicionários eletrônicos (HOUAISS 2002; AULETE 2011), de *sites* de relacionamento, como *Orkut* e *Facebook*, e de pesquisas feitas na página do *Google*. Foi utilizada também uma ferramenta do *Google* chamada *Alerta*. Essa ferramenta possibilita ao usuário receber *emails* com o(s) *link(s)* do(s) *site(s)* em que aparece(m) a palavra, frase, tema ou assunto determinado pelo usuário. *Alerta* conta com as seguintes caixas de refinamento da busca:

Search query: caixa em que se coloca o termo que se quer pesquisar. No nosso caso, a caixa foi preenchida com “eletro”

Result type: caixa em que o usuário pode selecionar a fonte de onde prefere que venham os dados. A caixa oferece as opções ‘Everything’, ‘News’, ‘Blogs’, ‘Vídeos’, ‘Discussions’ e ‘Books’.

How often: caixa em que o usuário escolhe a frequência com que quer receber os emails. Apresenta as opções ‘Once a Day’, ‘As-it-happens’ e ‘Once a week’.

How many: caixa em que se pode controlar a quantidade dos resultados recebidos através das opções ‘Only the best results’ e ‘All results’

Delivery to: caixa em que o usuário coloca o *email* para o qual os resultados serão enviados.

Optamos pela combinação ‘Everything’, ‘As-it-happens’ e ‘All results’ para controlar a busca. Recebemos *emails* do dia 29 de março a 11 de novembro de 2012 (período em que resolvemos encerrar as buscas pelo *Google Alerta*), totalizando 844 emails nesse período. Mesmo com toda essa quantidade de *emails*, o número de dados interessantes e pertinentes à pesquisa foi baixíssimo, pois vários deles eram de truncamentos de ‘eletroeletrônico’, ‘eletrodoméstico’, ‘eletroencefalograma’ ou ‘eletrocardiograma’ e não eletro- como parte de uma palavra morfológicamente complexa. Além disso, a redundância de dados é enorme. Vários *links* apareceram repetidos em *emails* diferentes. De tudo que recebemos pelo *Google Alerta*, aproveitamos apenas 8 dados (‘eletrocenter’, ‘eletroferta’, ‘eletrogospel’, ‘eletrossamba’, ‘eletrolivro’, ‘eletrotáxi’, ‘eletrocarro’, ‘eletroprodutor’). O *corpus* é bem diversificado e contém palavras como:

- (a) ‘eletrão’ e ‘elétrico’, em que eletro- se junta a afixos (18 dados)
- (b) ‘eletrologia’ e ‘eletrômetro’, em que eletro- se junta a uma base presa (19 dados)
- (c) ‘eletrobomba’ e ‘eletromotor’, em que eletro- apresenta a acepção de eletricidade/elétrico/eletrônico; (211/269 dados; ver anexo I)
- (d) ‘eletrorock’ e ‘eletrosamba’, designando mistura do gênero musical ‘eletromusic’ com outro gênero, e ‘eletrofolia’ e ‘eletrolual’, designando eventos na esfera da música eletrônica. Em ambos os casos, eletro- participa de formas recompostas a partir do truncamento de ‘eletromusic’ (28 dados); e
- (e) ‘eletroshopping’ e ‘eletroimportado’, cujas formas recompostas se constroem a partir do truncamento de ‘eletrodoméstico’/‘eletroeletrônico’ (9 dados)

Utilizamos, para a análise final, apenas os dados eletro-X em que X é uma palavra. Sendo assim, os dados analisados foram apenas os citados em (c), (d) e (e), num total de 248/306. Devido à heterogeneidade dos dados utilizados para a análise, fizemos um teste de avaliação subjetiva com o intuito de averiguar como os falantes interpretam as construções eletro-X. Nosso objetivo foi observar, mediante as respostas dos informantes, questões como (i) a interpretação

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

que os usuários da língua fazem dessas construções, se mais composicional ou mais holística; (ii) a maneira como os informantes associam eletro- e seus vários significados; e (iii) a cabeça morfológica das construções eletro-X, se à direita ou à esquerda.

O teste conta com 24 questões, cada uma com um dado de eletro-X, seguido de duas perguntas, conforme exemplos abaixo:

Eletroshopping, Eletrofolia, Eletrodissolução, Eletroxote

Você conhece essa palavra? Como você interpreta essa palavra?

Com a pergunta “*Você conhece essa palavra?*”, pretendemos verificar se a resposta do falante foi totalmente intuitiva ou se ele já tinha conhecimento prévio da palavra e, conseqüentemente, de alguns possíveis contextos, já que os dados estão todos descontextualizados. A segunda pergunta serviu-nos para saber se os falantes fazem as associações por nós esperadas, ou seja, se vinculavam eletro-, em ‘eletrodissolução’, por exemplo, à eletricidade ou a outro conceito, assim como se associavam eletro-, em ‘eletroxote’, à música eletrônica. Serviu-nos também para averiguarmos o grau de composicionalidade das construções e de que maneira os informantes interpretam a cabeça lexical, se à direita ou à esquerda. As próximas seções destinam-se a uma primeira descrição das formações eletro-X.

3. POR UMA TIPOLOGIA DAS CONSTRUÇÕES ELETRO-X

Com base no *corpus* coletado, pudemos identificar palavras com características bem distintas, o que nos fez separá-las, a princípio, em quatro grupos:

(a)	(b)	(c)	(d)
eletroótica	eletrobaião	eletrobloco	eletroshopping
eletroquímica	eletrosamba	eletromaníacos	eletroásia
eletrossoldadura	eletrorrock	eletrofestival	eletroportal
eletroímã	eletrorreggae	eletrolual	eletro-ar
eletromagnetismo	eletrolambada	eletrofolia	eletromotos

Quadro 1: Distribuição dos grupos.

O grupo A, com 211/269 dados, é formado, em sua grande maioria, por palavras da área científica e comumente chamadas de compostos neoclássicos. O grupo B é formado por palavras que designam estilos musicais em que há mistura do gênero eletromusic (música eletrônica) com algum outro gênero (baião, rock, reggae) e é constituído por 21 palavras. No grupo C, estão as formas (7 no total) que designam algum tipo de evento ou característica da música eletrônica. Por fim, no grupo D, com 9 dados, estão palavras que designam nomes próprios de lojas comerciais (físicas ou virtuais) – são os chamados oniônimos.

Sentimos, porém, necessidade de critérios mais objetivos para estabelecer uma cisão entre os grupos e não apenas nos basearmos no que as palavras designam. Em primeiro lugar, como a borda direita das formações não nos proporciona nenhum tipo de distinção objetiva², resolvemos

² A borda direita das formações X-eletro é geralmente uma palavra de livre curso na língua. Essas palavras não apresentam nenhuma característica formal ou semântica que nos autorize a separação em grupos a partir delas. Apenas o grupo A apresenta palavras em que a borda direita, além de poder ser ocupada por uma palavra de livre

nos centrar na borda esquerda, ou seja, no próprio formativo eletro-. Em segundo lugar, como percebemos que eletro- não tem o mesmo significado em todas as formações, decidimos averiguar de que maneira essas acepções se relacionam. Para isso, é fundamental saber se os vários sentidos de eletro- nas formações eletro-X pressupõem polissemia ou homonímia. As próximas seções se destinam a esse objetivo. No item 3.3, discute-se o conceito de polissemia e de homonímia com base em Silva (2006). Logo após, é feita uma análise detalhada de cada um dos grupos. Por fim, com base na análise, definimos quantos grupos há na verdade.

4. POLISSEMIA X HOMONÍMIA

O critério mais amplamente aceito para a distinção entre polissemia e homonímia é a relação entre os sentidos associados numa mesma forma. Silva (2006) ressalva que *“esta relação pode ser tomada, ou numa perspectiva diacrônica ou numa perspectiva sincrônica”*. No primeiro caso, os sentidos estabelecem entre si uma relação histórico-etimológica. A polissemia se dá quando dois ou mais sentidos compartilham da mesma origem, do mesmo étimo ou se um sentido é derivado historicamente do outro; ao contrário, palavras homônimas possuem étimos diferentes e/ou não se relacionam historicamente. No segundo caso, dois ou mais sentidos são considerados polissêmicos se os falantes os reconhecem como relacionados entre si. Há relação de homonímia, então, se os falantes não reconhecem intuitivamente um vínculo entre esses sentidos.

Silva (2006) observa alguns pontos problemáticos de ambos os critérios. Em primeiro lugar, afirma que esses parâmetros podem levar a resultados contraditórios. Há casos de sentidos sincronicamente não-relacionados que têm a mesma origem (cabo “posto militar”; cabo “acidente geográfico” – ambos do étimo latino *caput*), assim como há sentidos que se fundiram e, por isso, são sincronicamente relacionados, mas não possuem a mesma origem. Para este último, o autor cita o exemplo do inglês *ear* “orelha, ouvido” e *ear* “espiga de cereal”, que, embora de origens distintas, muitos falantes do inglês veem *ear* “espiga do cereal” como uma acepção metafórica, baseada na semelhança de formas entre a espiga e a orelha.

Silva (op. cit.) ressalta também que, além de nem sempre haver coincidência entre sentidos relacionados e sua origem, é dispensável, aos falantes, conhecer a história das palavras; eles conseguem distinguir sentidos relacionados (polissêmicos) ou não relacionados (homonímicos) sem precisar, para isso, saber do passado de sua língua. Outro ponto problemático é o fato de o critério sincrônico ser *“potencialmente subjetivo”* (SILVA, 2006: 48). Para o autor, a imaginação e/ou a formação do indivíduo podem influenciar no reconhecimento da relação entre dois ou mais significados. Além disso, tal reconhecimento pode variar de indivíduo para indivíduo, no mesmo indivíduo ou de contexto para contexto. Contudo, o autor afirma ser preferível o critério sincrônico ao diacrônico, já que *“polissemia e homonímia não são constructos teóricos, nem são apenas fenômenos históricos; são realidades psicológicas.”* (SILVA, 2006: 48).

Apesar de todos esses problemas apontados pelo autor serem “uma pedra no sapato” para os linguistas, ainda não há outra forma de distinção entre polissemia e homonímia que não seja a relação entre os sentidos e seus étimos (critério diacrônico) e a intuição dos falantes

curso na língua, pode ser, também, ocupada por um radical preso. São palavras como eletrocuitar, eletrocutar, eletrômetro, entre outras, num total de 14 dados apenas. Logo, não achamos viável nem econômico uma simples separação do tipo radicais presos e livres na borda direita. No grupo B, há apenas um dado em que a borda direita não é ocupada por uma palavra, mas por um splinter (“eletronejo”).

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

(critério sincrônico). Para minimizar a fragilidade típica desses dois critérios e evitar, ao máximo, falsos resultados, resolvemos recorrer a esses parâmetros como base para o veredicto final da relação semântica entre os diversos sentidos de eletro- nas formações eletro-X. Acreditamos, na verdade, que os dois critérios são complementares e não excludentes.

Com relação ao critério diacrônico, buscamos averiguar se os vários sentidos de eletro- têm origens distintas ou remontam ao mesmo étimo. A discussão acerca da origem de eletro- é feita juntamente com a análise de cada grupo. Já para o critério sincrônico, nos valem dos resultados do teste de avaliação subjetiva.

5. COMO OS FALANTES INTERPRETAM? O CRITÉRIO SINCRÔNICO

No grupo A, o valor semântico de eletro- varia entre “eletricidade”, “elétrico” e “eletrônico”, a exemplo, nessa ordem, de ‘eletrocirurgia’ (“emprego da eletricidade em cirurgia”), ‘eletrobomba’ (“bomba rotativa cujo acionamento é feito por um motor elétrico”) e z (“significado”). Resta saber se os três sentidos se relacionam por homonímia ou por polissemia. Em outras palavras, tem-se aí apenas um eletro- polissêmico ou três eletros em relação homonímica? Recorremos primeiramente à definição dos dicionários para averiguar de que maneira esses conceitos se relacionam.

Verificamos que, embora sejam acepções distintas ou tecnicamente distintas, todas remetem ou partem de um mesmo ponto: o conceito de eletricidade. Em Houaiss (2002), ‘eletricidade’ é definida como “conjunto de fenômenos naturais que envolvem a existência de cargas elétricas estacionárias ou em movimento”. A palavra ‘elétrico’ é definida como algo “que diz respeito à eletricidade” (acepção 1) ou algo “movido a eletricidade” (acepção 2). Isso nos mostra que o conceito de elétrico é derivado do conceito de eletricidade. Já a palavra ‘eletrônico’ é posta na classe dos adjetivos e definida como algo referente, pertencente ou próprio da eletrônica. Entende-se por eletrônica o “estudo das propriedades e aplicações de dispositivos que dependem do movimento de elétrons em semicondutores, gases ou no vácuo” (HOUAISS, 2002). Sendo o elétron uma das cargas elétricas e sendo a eletricidade o conjunto de fenômenos naturais que envolvem a existência de cargas elétricas, podemos chegar à conclusão de que o conceito de eletricidade é subjacente também ao conceito de eletrônica e, conseqüentemente, de eletrônico, assim como o é em relação ao conceito de elétrico.

Os testes reforçam a relação estreita entre os sentidos “eletricidade”, “elétrico” e “eletrônico”. Os falantes parecem não fazer uma distinção rígida entre esses conceitos. Para a questão 1, por exemplo, referente à palavra ‘eletrogás’, obtivemos respostas como “é um gás que gera eletricidade” (M.C.G.), “gás formado por elétrons” (R.C.S.F.) e “gás elétrico” (E. da S.S.). Para as questões 4 e 8 referentes, respectivamente, às palavras ‘eletroquímica’ e ‘eletrobalança’, obtivemos respostas como “ramo da química que trabalha com eletricidade” (D.C.P), “estudo das interações elétricas com químicas” (B. dos S. da P.) e “química eletrônica” (D.A.), para a primeira, e “medidor de densidade corporal que utiliza a eletricidade para o seu funcionamento” (C. de L.P.), “balança elétrica” (H. dos S.M.) e “balança eletrônica” (D.C.P) para a segunda. Cabe ressaltar que todas as respostas referentes às palavras do grupo A apresentam variação entre ‘eletricidade’, ‘elétrico’ e ‘eletrônico’. Isso mostra que esses conceitos estão muito próximos e são quase indissociáveis. Parece que os três conceitos, sincronicamente, estão subordinados a uma espécie de macroconceito de energia, que conhecemos e batizamos pelo nome de eletricidade. A própria via de mão dupla entre elétrico e eletricidade reforça essa afirmativa. As paráfrases “movido a **eletricidade**”, para elétrico, e “**energia**

João Carlos TAVARES da SILVA

elétrica”, para eletricidade, nos fazem ver como é quase impossível a separação entre os conceitos. De fato, ora os falantes relacionam eletro- à eletricidade, ora a elétrico e ora a eletrônico, comprovando que as fronteiras de sentido não são rígidas.

Com base nas definições e nos resultados dos testes, concluímos que todas as nuances semânticas de eletro- no grupo A (eletricidade, elétrico e eletrônico), passam, em maior ou menor grau, pelo ideia genérica de eletricidade e que os falantes não fazem a distinção técnica entre esses conceitos, o que significa que essas três acepções se relacionam por polissemia.

O fato de eletro- ser polissêmico não é motivo para espanto, já que a polissemia é típica das estruturas linguísticas. Intrigou-nos, na verdade, outra questão: por que o conceito de elétrico passa por ou pressupõe o conceito de eletricidade, se eletricidade é morfologicamente mais complexa e derivada de elétrico? Para tentar encontrar uma resposta, procuramos entender e conhecer um pouco mais da história dessas palavras. A seção seguinte é uma pequena digressão sobre a história da eletricidade e das palavras que cunharam esse conceito.

6. A ORIGEM DO FORMATIVO: O CRITÉRIO DIACRÔNICO

O formativo eletro- vem do grego *elektron*, que significa âmbar, uma resina fóssil amarelada. Essa resina, ao ser atritada, é capaz de atrair pequenos corpos que lhe estão próximos. Registra a História que Tales de Mileto (640 – 546 a.C.) provavelmente tenha sido o primeiro a perceber que o âmbar, quando atritado, é capaz de atrair corpos leves, tais como pedacinhos de madeira. Ainda, Teofrasto (372 – 288 a.C.), um discípulo de Aristóteles, teria sido o primeiro de que se tem registro a observar que essa propriedade do âmbar se estendia a diversos outros minerais quando atritados.

Foi, porém, no Renascimento – período de largo desenvolvimento científico e, principalmente, a época em que surgiram os internacionalismos – que se deu a associação entre os fenômenos hoje conhecidos como elétricos e a palavra *electrum*, forma latinizada de *elektron*, devido à propriedade atrativa do âmbar quando atritado.

Os primeiros estudos sistemáticos em eletricidade são atribuídos ao inglês William Gilbert (1540 – 1603). A ele também se deve o emprego do termo neolatino ‘*electricus*’ (semelhante ao âmbar). Gilbert é considerado o pioneiro nos conceitos referentes à eletricidade e sua obra mais importante acerca do assunto, “De Magnete”, data de 1600. Entretanto, o uso de palavras em inglês para os conceitos referentes a fenômenos elétricos é atribuído ao físico Sir Thomas Browne (1605 – 1682). Browne foi o primeiro a usar o termo *electricity* em 1646, derivado do modelo latino de Gilbert – ‘*electricus*’ (*electric* + *ity*). Parece que esse foi o primeiro uso do formativo ele(c)tr- numa formação vernácula, em vez do tradicional latim científico.

Em se tratando da língua portuguesa, o uso mais antigo de eletro, segundo Houaiss (2002), data do séc. XVII, mais especificamente do ano de 1672 na obra “Micrologia Camoniana”, de João Franco Barreto. Entretanto, essa datação não se refere a eletro- como formativo, mas como palavra, significando ‘liga de ouro e prata’. Cunha (1982) também remete esse uso ao séc. XVII, sem, porém, apontar ano específico ou obra em que a palavra foi usada pela primeira vez.

Em Houaiss (2002), a palavra morfologicamente complexa, com datação mais antiga, em que eletro- aparece como formativo é eletricidade, com data de 1759 e uso atribuído à Manoel Joseph de Paiva na obra “*Infermidades da Língua, e Arte que a ensina a amadurecer para melhorar*”.

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

A origem da palavra, porém, é controversa, não havendo consenso entre os dicionários pesquisados. Houaiss (2002) aponta duas possíveis origens para ‘eletricidade’, uma do latim científico, e outra como derivado vernáculo de elétrico (elétrico + idade).

“orig.contrv.; do lat.cien. *electricitas*, átis 'eletricidade', do lat. *electrum*, este do gr. *êlektron*, ou 'âmbar amarelo', pela propriedade elétrica dessa substância; este lat.cien. registra-se no *Dictionnaire étymologique de la langue française* (1964; Dicionário etimológico da língua francesa), de O. Bloch - W. von Wartburg; outras fontes (*The Oxford English dictionary* e *Breve dictionario etimologico de la lengua castellana*, de J. Corominas), entretanto, documentam o voc. (ing. *electricity*, esp. *electricidad*) como der. vern. (do ing. *electric*, esp. elétrico, ambos do lat. *electrum*, gr. *êlektron*), o que pressuporia idêntica formação para o port.: elétrico + -i- + -dade, bem como para o it., al. e fr.; cp. esp. *electricidad* (1765-1783), it. *elettricità* (sXVIII), fr. *électricité* (1720), ing. *electricity* (1646), al. *Eletrizität* (1744); ver *eletr(i/o)-*; f.hist. 1759 *electricidade*” (HOUAISS,)

Cunha (1982) e Machado (1967) atribuem a origem da palavra ‘eletricidade’ à adaptação do Francês ‘*électricité*’. Já Silveira Bueno (1968) e Antenor Nascentes (1955) afirmam ser uma palavra derivada de ‘elétrico’ com acréscimo de -idade. O dicionário Aulete digital remete sua origem a duas possibilidades: o latim científico (*electricitas*, *átis*) ou uma adaptação do inglês (*electricity*)

Houaiss (2002) apresenta, em sua obra, algumas palavras (21 no total, cf. Quadro 3, a seguir) formadas com eletro- cuja origem é atribuída a influências ou empréstimos de outras línguas, todas do inglês a exceção de ‘eletroscópio’, do francês.

Eletrocínético	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>cinético</i> , prov. infl. do ing. <i>electrokinetic</i> (1881); ver <i>cinet(o)-</i>
Eletroconvulsoterapia	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>convulso</i> + <i>-terapia</i> ; cp. ing. <i>electroconvulsive therapy</i> (1948); ver <i>2vel-</i> ; técnica criada em 1938 pelo médico italiano Ugo Cerletti (1877-1963)
Eletrocussão	ing. <i>electrocution</i> 'id.', der. do v. (to) <i>electrocute</i> (1889); ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>-cussão</i>
Eletrocutar	ing. (to) <i>electrocute</i> (1889) 'id.', de <i>electr-</i> + <i>-cute</i> , como em <i>execute</i> 'executar', talvez pelo fr. <i>électrocuter</i> (1899); ver <i>eletr(i/o)-</i> ; f.hist. 1914 <i>electrocutar</i>
Eletrocutor	r. <i>électrocutateur</i> (1899) 'id.', este formado com base no ing. <i>electrocute</i> , ver <i>electrocutar</i> , ver <i>eletr(i/o)-</i>
Eletrodeposição	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>deposição</i> , cp. ing. <i>Electrodeposition</i> ; ver <i>-por</i>
Eletrodepositar	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>depositar</i> , cp. ing. (to) <i>electrodeposit</i> (1882); ver <i>-por</i>
Eletrodepósito	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>depósito</i> , cp. ing. <i>electrodeposit</i> (1864); ver <i>-por</i>
Eletrodialise	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>dialise</i> ; cp. Ing. <i>electrodialysis</i> (1921) 'id.'; ver <i>diali(o)-</i>
Eletrolisar	<i>eletrólise</i> + <i>-ar</i> ; cp. ing. (to) <i>electrolyze</i> (1834); ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>-lise</i>
Eletrólise	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>-lise</i> ; cp. ing. <i>electrolysis</i> (1834); f.hist. 1873 <i>electrolysis</i>
Elétron	ing. <i>electron</i> (1891) 'id.', do rad. do gr. <i>êlektron</i> , ou 'âmbar amarelo', pelo lat. <i>eléctrum</i> , 'id.' + <i>-on</i> ; a var. <i>eletrão</i> resulta de adp. ao port.; ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>-on</i> ; f.hist. 1907 <i>eletrão</i>
Eletronegativo	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>negativo</i> ; cp. ing. <i>electronegative</i> (1834); ver <i>neg-</i>
Eletrônica	ing. <i>electronics</i> (1910) 'eletrônica'; ver <i>eletr(i/o)-</i>
Eletrônico	<i>eletrônica</i> + <i>-o</i> , com mudança de vogal temática e de classe; cp. ing. <i>electronic</i> (1902); ver <i>eletr(i/o)-</i>

Eletróptica	ing. <i>electrooptics</i> (c1889) 'id.'; ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>ot(i/o)-</i>
Eletróptico	Eletróptica + <i>-o</i> , com mudança de vogal temática e de classe; cp. ing. <i>Electrooptic</i> (1879) 'id.'; ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>ot(i/o)-</i>
Eletroscópio	fr. <i>électroscope</i> (1753) 'id.', de <i>électro-</i> + <i>-scope</i> ; ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>-scopio</i> ; f.hist. 1844 <i>eletroscopo</i> , 1858 <i>electroscópio</i>
Eletrostática	<i>eletr(i/o)-</i> + <i>estática</i> ; cp. ing. <i>electrostatics</i> (1827) 'id.'; ver <i>-stat-</i> ; f.hist. 1899 <i>electrò-stática</i>
Eletrстриção	ing. <i>electrostriction</i> 'id.', de <i>electro-</i> + <i>-striction</i> , como em <i>constriction</i>
Eletrotônus	ing. <i>electronus</i> (1878) 'id.'; ver <i>eletr(i/o)-</i> e <i>ton(o)-</i>

Quadro 2: Palavras formadas com *eletr-* cuja origem é atribuída a influências ou empréstimos de outras línguas

Começamos, então, a cogitar a possibilidade de as formações com *eletr-* no português não serem formações 100% autóctones, mas decalques³ do inglês. Para averiguar tal hipótese, buscamos no *Online Etymology Dictionary*⁴ (doravante OED), um dicionário etimológico virtual da língua inglesa, a definição e a origem de *electro-*, *electric* e *electricity*:

Entrada	Definição
Electro-	Word-forming element meaning “electrical, electric”, latinized form of. Gk. <i>elektro-</i> , comb. Form of <i>elektron</i> “amber” (see <i>electric</i>).
Electric	1640s, first used in English physician Sir Thomas Browne (1605 – 1682), apparently coined as Mod. L. <i>electricus</i> (lit. “resembling amber”) by English physician William Gilbert (1540 – 1603) in treatise “ <i>De Magneté</i> ” (1600), from L. <i>electrum</i> “amber”, from Gk. <i>elektron</i> “amber” (Homer, Hesiod, Herodotus), also “pale gold” (a compound of 1 part silver to 4 of gold); of unknow origin. Originally the word described substances which, like amber, attract other substances when rubbed. Meaning “charged with electricity” is from 1670s; the physical force so called because it first was Online Etymology Dictionary (http://www.etymonline.com/) generated by rubbing amber. In many modern instances, the word is short for <i>electrical</i> . Figurative sense is attested by 1793. <i>Electric toothbrush</i> first recorded 1936; <i>electric typewriter</i> 1958.
Electricity	1640s (Browne), from <i>electric</i> + <i>ity</i> . Originally in reference to friction.
Electrical	“relating to electricity, run by electricity”, 1746, from <i>electric</i> + <i>al</i> . Earlier (1630) synonymous with <i>electric</i> . Related: <i>electrically</i> .

Quadro 3: Definição e origem de *eletr-*, *elétrico* e *eletricidade* (*Online Etymology Dictionary*)

Cabe tecer alguns comentários acerca das informações extraídas do OED:

- no inglês, o significado de *electro-* é polissêmico, variando entre *electrical* e *electricity* (elétrico e eletricidade, respectivamente), assim como no português;
- Browne derivou *electricity* do modelo latino *electricus* e, conseqüentemente, criou *electric* com o mesmo sentido de *electricus* (semelhante ao âmbar);

³ Assumpção Jr. (1986: 109) define decalque como, “a aquisição de forma léxica ou locução estrangeira, através da substituição, por forma léxica vernácula, de significação equivalente criada para esse fim”. Para Pisani (1967: 79), o decalque é “especialmente usado quando se devem criar palavras para exprimir um conceito novo chegado do exterior, e não se quer adotar a palavra estrangeira”.

⁴ <http://www.etymonline.com/>

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

- (c) o significado de *electrical* é “*relating to electricity, run by electricity*” (“relativo à eletricidade ou movido à eletricidade”, assim como ‘elétrico’ em português) e data de 1746, ou seja, posterior ao seu sinônimo *electric*;
- (d) o significado “*charged with electricity*” (“carregado com eletricidade”) de *electric* é de 1670, ou seja, posterior ao significado de *electricity* (1640).

Levando em consideração que tanto os estudos sobre eletricidade como as primeiras formações de que participa eletro- com significado de “elétrico” ou “eletricidade” surgiram na Inglaterra do séc. XVII, é possível que as formações eletro-X, que hoje temos em português, tenham sido importadas da língua inglesa. Em prol dessa hipótese, temos não só os dois fatos mencionados, mas também:

- (a) um grande número de palavras do tipo eletro-X em inglês (cf. anexo II) tem datação anterior à dos primeiros registros em português.

electrocardiogram (1904), electromagnet (1831), electromagnetic (1821),
electromagnetism (1828), eletrocardiograma (sem datação), eletromagneto (1913)
eletromagnetismo (1858), eletromagnético (1873)

- (b) algumas palavras morfológicamente complexas de que eletro- é elemento componente, seja ela derivada ou composta, são empréstimos do inglês (cf. Houaiss), a exemplo de ‘eletrocínético’ - prov. infl. do ing. *electrokínetic* (1881); Eletroconvulsoterapia - cp. ing. *electroconvulsive therapy* (1948); elétron - ing. *electron* (1891); entre outras.

- (c) o primeiro registro de uma formação vernácula do inglês consta de 1640, ao passo que, em português, o primeiro registro data de 1759 (‘eletricidade’ – 1759, cf. Houaiss).

- (d) em português, o conceito de elétrico passa pelo conceito de eletricidade, assim como no inglês.

Com relação ao último argumento, vimos, no OED, que o significado “*charged with electricity*” de *electric* é posterior (1670) ao significado original “*like amber*” (1640) e que *electrical* – “*relating to electricity, run by electricity*” – é de 1746, formado a partir de *electric* + al. Isso justifica o fato de o conceito de elétrico pressupor o de eletricidade, já que *electricity* não veio de *electrical*, mas de *electric* em sua primeira acepção.

Nos dicionários do português, mesmo nos etimológicos, não encontramos nenhuma explicação ou menção que tentasse justificar, ou mesmo que pudesse nos dar alguma luz para o conceito de ‘elétrico’ pressupor o de ‘eletricidade’ – e não o contrário, o que seria mais condizente com a complexidade morfológica das palavras.

Embora alguns estudiosos afirmem que ‘eletricidade’ é uma palavra vernácula formada a partir da adjunção do sufixo –idade à base adjetiva ‘elétrico’, o fato de outros teóricos afirmarem que é um estrangeirismo (do francês, como afirmam Cunha (2010) e Machado (1967); ou do inglês como consta no dicionário Aulete digital) e o fato de não haver uma explicação, na nossa língua, para uma palavra morfológicamente mais simples (‘elétrico’) pressupor o conceito de uma palavra morfológicamente mais complexa (‘eletricidade’) nos faz inclinarmos à hipótese de ‘eletricidade’ ser um empréstimo do inglês, o que justificaria, inclusive, a inversão ‘eletricidade’ > ‘elétrico’.

Além disso, todos os argumentos apresentados nos fazem crer que ‘eletricidade’, ‘elétrico’ e muitas das formações eletro-X do português, sobretudo as mais antigas, não são 100% autóctones: foram importadas, muito provavelmente, do inglês.

7. REDISCUINDO A RELAÇÃO SEMÂNTICA: POLISSEMIA OU HOMONÍMIA?

O fato de ser ou não empréstimo do inglês nos traz luz a questões que serão tratadas nesta seção. Em primeiro lugar, se as três acepções de eletro- no grupo A remontam à mesma origem, devem ser consideradas polissêmicas. Há, pois, harmonia entre os critérios sincrônico e diacrônico, uma vez que, como sinalizamos em 3.4.1, os falantes não parecem diferenciar os três conceitos nas construções complexas de que eletro- é constituinte.

Como vimos, muito provavelmente as formações eletro-X do grupo A foram decalques do inglês, mas, em decorrência da base etimológica comum, logo perderam a feição de empréstimos e foram bem incorporadas ao léxico do português, como comprovam formações recentes como ‘eletrotáxi’, ‘eletrolivro’, ‘eletrobomba’, sem qualquer respaldo em inglês. Isso significa que, sendo decalques, essas formações já chegaram prontas do inglês e nós as adaptamos ao nosso idioma, mas não de modo passivo: utilizamos produtivamente o esquema de formação de palavras que elas suscitavam. Isso nos lança a novos questionamentos acerca do estatuto morfológico de eletro- nesse grupo. Seria esse formativo um radical, um prefixo, um afixoide ou um xenoconstituente?

Há algumas formações em que eletro se une a sufixos, como ‘elétrico’, ‘eletrificar’ e seus derivados ‘eletricidade’, ‘eletrificação’, ‘eletricista’. Esses dados podem nos fazer crer que tal elemento é um radical. Esse é, inclusive, o argumento de Duarte (1999) para colocar eletro- no rol dos radicais, como vimos em 3.1. Outro argumento em prol dessa classificação é o fato de eletro- se unir a outros radicais para formar compostos; seriam os casos de composição de bases presas, a exemplo de ‘eletrômetro’.

Por outro lado, cabe levar em consideração o número de palavras na língua portuguesa em que eletro- se une a afixos ou a outras bases para formar palavras. Nosso *corpus* contém apenas 18 palavras em que eletro se anexa a afixos e 19 palavras em que se junta a outras bases presas, como vemos a seguir. Esse é um número muito baixo em relação ao total de dados do tipo eletro-X (248/306 dados):

eletro + base presa		eletro + afixo(s)	
eletrocutir/eletrocutar	eletrosfera	eletrão	eletrificável
eletrofílico	eletróstania	eletreto	eletrino
eletrofone	eletrótipo/eletrotipar	eletricidade	eletrização
eletróforo	eletrótono/eletrotônus	eletricismo	eletrizado
eletrogêneo/eletrógeno		eletricista	eletrizador
eletrógrafo		eletricitário	eletrizar
eletrologia		elétrico	eletrizável
eletrólise/eletrolisar		eletrificação	eletonar
eletrômetro/eletrometria		eletrificar	eletrônica

Quadro 4: O corpus

A favor dos que advogam ser eletro- um prefixo estão, como principais argumentos, o fato de ocupar sempre a primeira posição da palavra morfológicamente complexa, a capacidade de formar palavras em séries e o fato de se anexar a palavras com livre curso na língua.

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

Enquadram-se nesse perfil todas as formações eletro-X do grupo A. Entretanto, uma classificação com base apenas nesses três critérios pode ser muito frágil e de fácil contestação.

Na seção 5, ficou definido como prefixo de todo elemento neoclássico ressemantizado via processo de compactação, provindo de uma forma gatilho culturalmente relevante num dado período histórico, que se fixa como elementos de primeira posição, passando a se envolver em novas formações chamadas recompostas. Já os xenoconstituintes são os *splinters* do inglês utilizados para formar palavras na língua tomadora, como ‘ciber-’ de *cybernetics*, por exemplo, que tem se prestado à formação de novas palavras no português, como ‘ciberavó’ e ‘cibercafé’.

De fato, eletro- é um elemento neoclássico (ver definição de neoclássicos na seção 2.4) que compactou o significado de uma palavra matriz⁵ (*electricity*) culturalmente relevante num dado período histórico⁶ e fixou-se na primeira posição. Além disso, mesmo admitindo como verdadeira a hipótese de empréstimo do inglês, é preciso levar em consideração que o empréstimo foi de formações prontas – tanto de palavras derivadas, quanto de formações do tipo eletro-X – e não apenas do formativo eletro-, o que afasta a hipótese de ser um xenoconstituinte.

Acreditamos, pois, ser mais coerente olhar para eletro- como um afixo de do inglês que foi importado para a língua portuguesa através de construções já prontas. Muito provavelmente, a ampla utilização desse formativo na nomenclatura científica, o fato de elementos neoclássicos terem caráter universal com correspondentes em diversas línguas – inclusive o português⁷ – e a fixação desses empréstimos no léxico, levando à formação em série, fez com que eletro- se nativizasse, formando palavras genuinamente portuguesas sem soar anglicismos.

Ainda há dois problemas a serem discutidos: (a) as diferentes estruturas (derivadas, formações com bases presas e formações eletro-X), que têm levado estudiosos a classificações distintas do formativo eletro-, e (b) o conceito de recomposição.

Gonçalves (2012), com base em Bauer (2005), recorre ao conceito de gramaticalização para corroborar a ideia de que a variedade de características estruturais e semânticas encontradas nas palavras de que participam como elementos formativos os itens -logo, -grafo, -latra, -dromo e -metro não configuram um impasse descritivo, mas sim a evidência da flexibilidade da fronteira derivação-composição, já que “*processos de gramaticalização evidenciam a possibilidade de transitar da composição para a derivação*” (GONÇALVES, 2011a: 12). Para isso, o autor faz um estudo bastante minucioso e refinado, valendo-se de compêndios de gramática histórica, de manuais de filologia, de manuais de linguística portuguesa, de dicionários etimológicos e dicionários morfológicos. Gonçalves faz uma linha do tempo mostrando como as características formais e semânticas desses formativos mudaram na direção léxico >>> gramática, como prevê o conceito de gramaticalização.

⁵ A formação neolatina *electrus* (semelhante ao âmbar) derivou *electricity*. A partir desse momento, uma parte da palavra *electricity* (‘electr-’) passou, por metonímia formal, a valer pelo todo e, conseqüentemente a formar novas palavras em que electr- não tinha mais o significado de “semelhante ao âmbar”, mas sim o de “eletricidade”.

⁶ Para nossa afirmativa não soar contraditória em relação ao que foi exposto na seção 5, sobre afixoide, cabe ressaltar que a relevância cultural é relativa. Uma palavra ou construção X pode ser culturalmente relevante para uma comunidade A e não ser para a comunidade B. Sendo assim, podemos considerar que ‘*electricity*’ era uma palavra culturalmente relevante para a comunidade científica do séc. XVI, o que possibilitou que fosse ponto de partida para a recomposição e a manufatura das formações ele(c)tro-X por parte dos membros dessa comunidade.

⁷ Segundo Houaiss (2002), há registro de uso de ‘eletro’ na língua portuguesa, significando “ambar amarelo”, com data de 1672, ou seja, anterior ao primeiro registro de empréstimo (eletricidade - 1759).

João Carlos TAVARES da SILVA

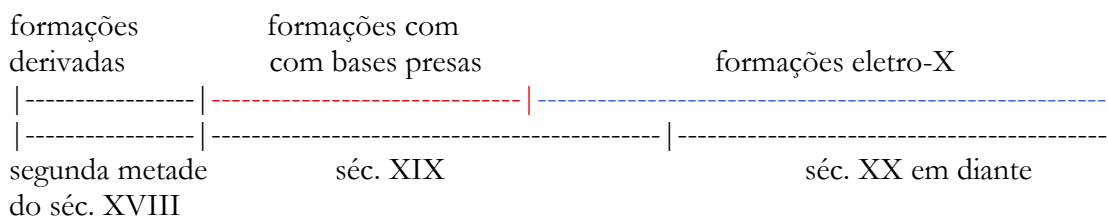
Não temos a pretensão de fazer análise tão minuciosa. Valemo-nos apenas das datas encontradas em Houaiss (2002) para tentar montar uma linha do tempo e propor que eletro- passou pelo mesmo percurso léxico >>> gramática de seus co-irmãos neoclássicos -logo, --grafo, -latra, -dromo e -metro.

As formações mais antigas, datadas do séc XVIII, são as palavras derivadas com eletro-combinado com um sufixo. Tomamos por base as formações derivadas mais básicas, que são ‘eletricidade’ (1759), ‘elétrico’ (1789) e ‘eletrizar’ (1789), por entendermos que as demais formações, como ‘eletricista’ (1899) e ‘eletrização’ (1844), por exemplo, derivam de uma dessas três primeiras. Todas as formações com bases presas datam do séc. XIX – ‘eletróforo’ (1844); ‘eletrógeno’ (1899), ‘eletrografia’ (1899); ‘eletrólito’ (1858); ‘eletrologia’ (1899); ‘eletrômetro’ (1844).

As formações eletro-X são praticamente todas do séc. XX, como algumas já da segunda metade do séc. XIX – eletrogalvânico (1873); ‘eletroímã’ (1899); ‘eletromagnético’ (1858). Do séc. XX em diante, eletro- deixa de se adjungir a afixos e bases presas para se anexar apenas a formas livres, cristalizando a construção eletro-X, em que X é uma forma livre e eletro-, um elemento com comportamento muito próximo ao de um prefixo. Além disso, cabe ressaltar que o fato de se unir apenas a formas livres fez com que não houvesse mais variação na acentuação primária, que ora caía no primeiro elemento (eletróforo, eletrógeno), ora caía no segundo (eletrologia, eletrofone), muito semelhante ao que aconteceu com -logo, -grafo, -latra, -dromo e -metro, que fixaram a abertura da vogal que antecede o formativo.

No século XX, portanto, todos esses elementos aparecem vinculados a formas livres, deixando de se combinar apenas com radicais presos. Certamente por ação da analogia, fixa-se a vogal que antecede o formativo. Nas formas mais antigas, como se vê nos exemplos a seguir, em (13), não há regularidade nesse constituinte, tradicionalmente classificado como vogal de ligação. Nas mais novas, ao contrário, a vogal é sempre uma média posterior aberta, exceto nas construções X-metro, por conta da adjacência com uma nasal, como atestam os dados em (14). (GONÇALVES, 2011b:16)

Podemos traçar a seguinte linha do tempo para o formativo eletro- na língua portuguesa



Essa breve análise nos revela que eletro- se moveu na direção léxico >>> gramática, evidenciando, assim, a maleabilidade da fronteira derivação-composição, como propõem Bauer (2005) e Gonçalves (2011a). Todo esse histórico nos faz chegar à conclusão de que as formações derivadas e as formações com bases presas com eletro- não passam de fósseis linguísticos e, por isso mesmo, não devem ser vistas como impasses descritivos ou argumentos confiáveis para fins taxonômicos.

Em se tratando do conceito de recomposição e suas condições de ocorrência, as formações eletro-X se encaixam quase perfeitamente, salvo por um detalhe: a forma gatilho que deu origem à formação não é um composto, mas uma palavra derivada – ‘eletricidade’. De fato,

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

as formas eletro-X do grupo A são as únicas de que se tem conhecimento até então que partem de uma forma gatilho derivada e não composta.

Talvez fosse o caso de flexibilizarmos a definição e admitirmos que a recomposição ocorre quando parte de uma formação neoclássica morfológicamente complexa, não necessariamente um composto, compacta o significado do todo e passa a formar novas palavras, o que nos traria o inconveniente de adaptar uma definição consagrada para encaixar um caso específico.

Comparando o caso de eletro- com outros elementos, como tele-, info- e ciber-, vemos que todas essas formas têm em comum o fato de compactarem o significado de uma palavra-matriz culturalmente relevante num dado período histórico e se fixarem na primeira posição. O que difere as formações eletro-X das formações tele-X é o único fato de este ter como forma gatilho um composto, ao passo que aquele vem de uma palavra derivada. Já info-X se assemelha às formações eletro-X por não virem necessariamente de um composto. Entretanto *splinters* são sempre partes não morfêmicas das formas gatilhos, ao contrario de eletro- que já tem estatuto de morfema em ‘eletricidade’. O mesmo se dá na comparação entre ciber-X e eletro-X, em que ciber- não tem estatuto de morfema na forma gatilho. Assemelha-se, porém, a eletro- pelo caráter de empréstimo do inglês, com a ressalva de que, no caso de ciber-, apenas o formativo foi importado, o que marca mais uma diferença, já que, provavelmente, no caso de eletro-, foram importadas construções prontas. Além disso, ciber- e info- não são elementos neoclássicos, como o é eletro-.

Toda essa rede de diferenças e semelhanças corrobora a não rigidez entre as fronteiras das categorias morfológicas. É praticamente impossível definirmos uma classificação para as formas eletro-X totalmente livre de contestações. Na seção 4.3, tentaremos, com base na proposta de um *continuum* derivação-composição, averiguar o estatuto morfológico de eletro-, sinalizando em que ponto do *continuum* esse formativo se encontra, se mais perto da derivação ou da composição. Por ora, passemos à análise dos grupos B, C e D

8. OS DEMAIS GRUPOS

Nos grupos B e C, eletro- remete a ‘eletromusic’⁸. Ocorre, nesses casos, o fenômeno da compactação, em que parte da palavra ‘eletromusic’ (eletro-) passa a valer pelo todo. A partir daí, eletro-, com essa nova acepção de música eletrônica, envolve-se em novas formações chamadas recompostas, seguindo à risca a definição de recomposição feita na seção 5.

Já nas palavras do grupo D, eletro- faz referência a aparelhos eletrodomésticos (aparelhos elétricos, eletrônicos ou eletroeletrônicos). Há também, igualmente como em B e C, o fenômeno da compactação de significado, seguida do emprego dessa forma especializada em novas formações (recompostas). A diferença entre o grupo D e os grupos B e C é a forma gatilho que origina as formas recompostas – ‘eletrodoméstico’ naquele e ‘eletromusic’ nestes. Isso significa

⁸ Eletromusic ou música eletrônica é toda música que é criada ou modificada através do uso de equipamentos e instrumentos eletrônicos, tais como sintetizadores, gravadores digitais, computadores ou softwares de composição. É importante salientar que, por definição, música eletrônica é toda música criada através do uso de equipamentos e instrumentos eletrônicos. Entretanto, a partir da grande popularização da música eletrônica dançante a partir da década de 1980, esta passou a ser conhecida pelo público geral pela denominação simples de música eletrônica, o que prevalece até hoje.

João Carlos TAVARES da SILVA

que tanto eletro- em B como eletro- em C têm a mesma origem: a palavra inglesa ‘eletromusic’, o que nos autoriza afirmar que, segundo o critério diacrônico, eletro- B e C são polissêmicos, ao passo que D é homonímico em relação a B e C.

Com relação ao critério sincrônico, obtivemos para ‘eletroreggae’, uma palavra do grupo B, quase que unanimemente a resposta “mistura de reggae com música eletrônica”. Dos 70 informantes, 59 associaram a forma ‘eletroreggae’ à música eletrônica; apenas 1 deu uma resposta que consideramos ambígua, “reggae elétrico” (L.F.C), pois não sabemos exatamente se o informante está se referindo ao estilo musical ‘eletromusic’ ou ao fato de ser um reggae tocado com instrumentos elétricos, como guitarra, contrabaixo e teclado. 10 informantes não relacionaram a forma ‘eletroreggae’ à música eletrônica.

Já para ‘eletrobloco’, palavra do grupo C, obtivemos respostas como “trioelétrico que toca música eletrônica” (L.F.C), “bloco de música eletrônica” (E. da S.S.), “bloco de carnaval que toca música eletrônica” (R.S. da L.). No caso de eletrobloco, 25 informantes fizeram a relação com ‘eletromusic’, 2 deram respostas ambíguas e 43 não relacionaram a palavra à ‘eletromusic’.

No grupo D, podemos citar como exemplo ‘eletroimportado’ com respostas como “produtos eletrônicos importados” (J.A.Q), “aparelho elétrico importado” (V.F.C), “algum artigo eletroeletrônico importado de algum país” (C.H.A. de S) e “eletrodoméstico importado” (R.S. do S). Para ‘eletroimportado’, houve 67 respostas iguais ou semelhantes aos exemplos citados e apenas 3 respostas em que o informante não relaciona eletro- a eletrodoméstico/aparelho elétrico/eletroeletrônico/eletrônico.

Os quadros a seguir apresentam as palavras de cada grupo utilizadas nos testes, o número de informantes que fizeram a relação por nós esperada, o número dos que deram respostas ambíguas, o número dos que não fizeram a relação que esperávamos e o número de informantes que declararam conhecer ou não as palavras do teste. Nos quadros 8 e 9, estão as respostas que consideramos ambíguas. Cabe ressaltar que, para as palavras do grupo D, não houve respostas consideradas ambíguas.

eletro-X	Você conhece essa palavra?		Respostas relacionadas à música eletrônica	Respostas ambíguas	Respostas não relacionadas à música eletrônica
	Sim	Não			
Eletrobaião	8	62	52	2	16
Eletroreggae	18	52	59	1	10
Eletroxote	9	61	50	2	18
Eletrosamba	24	46	59	1	10
Eletronejo	12	58	57	3	10
Eletrorrock	23	47	60	1	9

Quadro 5: Formas do grupo B

eletro-X	Você conhece essa palavra?		Respostas relacionadas à música eletrônica	Respostas ambíguas	Respostas não relacionadas à música eletrônica
	Sim	Não			
Eletrofolia	9	61	28	6	36
Eletromaniacos	15	55	12	3	55
Eletrobloco	3	67	25	2	43
Eletrolual	3	67	55	3	12
Eletrorave	9	61	50	0	20
Eletrofestival	18	52	58	1	11

Quadro 6: Formas do grupo C

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

eletro-X	Informantes que conhecem a palavra		Fizeram a relação entre eletro e eletrodoméstico	Respostas ambíguas	Não fizeram a relação entre eletro e eletrodoméstico
	Sim	Não			
eletroimportado	18	52	67	0	3
eletroshopping	10	60	53	0	17
eletroásia	1	69	19	0	52
eletromóveis	15	55	12	0	58

Quadro 7: Formas do grupo D

Eletrobaião	“baião elétrico”	Não sabemos exatamente se o informante está se referindo ao estilo musical eletromusic ou ao fato de ser um baião, reggae, samba etc. tocado com instrumentos elétricos como guitarra, contrabaixo e teclado.
Eletronejo	“sertanejo elétrico”	
Eletroreggae	“reggae elétrico”	
Eletrosamba	“samba elétrico”	
Eletrorock	“rock elétrico”	
Eletroxote	“xote elétrico”	

Quadro 8: Respostas ambíguas das palavras do grupo B

Eletrolual	“festa na praia com aparelhos eletrônicos”	Não sabemos se o informante se refere a sintetizadores, samplers e baterias eletrônicas (equipamentos utilizados na execução de músicas eletrônicas) ou a outros tipos de aparelhos eletrônicos	
	“lual elétrico”	Sendo o luau típico feito com violão e percussão, instrumentos acústicos, não sabemos se o informante se refere a um lual com música eletrônica ou a um lual em que se usam instrumentos elétricos como guitarra, contrabaixo e teclado.	
Eletromaniacos	“maníacos por eletrônica”	Não sabemos se o informante se refere à música eletrônica, muitas vezes, chamada apenas de eletrônica, ou à Eletrônica (estudo das propriedades e aplicações de dispositivos que dependem do movimento de elétrons em semicondutores, gases ou no vácuo)	
Eletrobloco	“reunião de pessoas em um bloco de carnaval atrás de uma banda eletrônica”	Não sabemos se “banda eletrônica” se refere a um grupo de música eletrônica com vocalista e DJs ou outro tipo de banda.	
	“bloco eletrônico (músicas)”	Sendo o bloco tradicional acompanhado por instrumentos acústicos, percussão, instrumentos de sopro etc. não sabemos se eletrônico se refere à música eletrônica ou a trio elétrico.	
Eletrofestival	“festival de eletrônica”	Não sabemos se o informante se refere à música eletrônica, muitas vezes, chamada apenas de eletrônica, ou à Eletrônica (estudo das propriedades e aplicações de dispositivos que dependem do movimento de elétrons em semicondutores, gases ou no vácuo)	
Eletrofolia	“festa eletrônica”		
	“festa de eletrônica”		
	“festa de axé com eletrônico”		Não sabemos se o informante se refere a sintetizadores, samplers e baterias eletrônicas (equipamentos utilizados na execução de músicas eletrônicas) ou a outros tipos de aparelhos eletrônicos
	“folia com auxílio de aparelhos eletrônicos”		
“festa com muitos aparelhos eletrônicos”			

Quadro 9: Respostas ambíguas das palavras do grupo C

Nas palavras do teste referentes ao grupo B, todas foram relacionadas pela maioria à música eletrônica. Já nas referentes ao grupo C, apenas as palavras ‘eletrolual’, ‘eletrorave’ e

João Carlos TAVARES da SILVA

‘eletrofestival’ foram relacionadas pela maioria à música eletrônica. Em ‘eletrofolia’, ‘eletrobloco’ e ‘eletromaníacos’ tivemos, de um total de 70 respostas, apenas 14, 13 e 7 respostas (respectivamente) em que os informantes fizeram a relação esperada. Caso semelhante ocorreu com o grupo D, em que apenas 24 informantes em ‘eletroásia’ e 12 em ‘eletromóveis’ associaram eletro- a ‘eletrodoméstico’.

Para ‘eletrofolia’ e ‘eletrobloco’, houve muitas respostas vagas como “ *festa com trio elétrico*” (R.S da L), “*uma festa com vários tipos de música*” (M.L) e “*nome de uma festa no carnaval*” (L.N.C), para a primeira, e “*algo ligado a bloco de carnaval*” (M.S.M.), “*bloco carnavalesco com trio elétrico*” (C.H.A de S.) ou, simplesmente, “*bloco de carnaval*” (B.S. de A.), para a segunda, entre outras que consideramos não relacionadas à música eletrônica.

No caso de ‘eletromaníacos’, a maior parte dos informantes relacionou eletro- a aparelhos eletrodomésticos, eletrônicos ou eletroeletrônicos. Dos 55 que não relacionaram eletro- à música eletrônica, 44 deram respostas como “*consumidores compulsivos de aparelhos eletroeletrônicos*” (V. da C.G.D.), “ *pessoas que têm mania de usar ou comprar aparelhos elétricos*” (M.C), “ *pessoas maníacas por eletrônicos*” (D.A), “ *pessoas viciadas em aparatos tecnológicos como TV, video game computador, etc.*” (M. do A.R.), entre outras.

Embora não fosse a relação, *a priori*, por nós esperada, achamos a interpretação inteiramente possível e, talvez, como indicam as respostas dadas ao teste, seja até a mais facilmente ativada para a combinação eletro- + maníaco(s), devido à relevância e a influência que a tecnologia e os aparelhos eletrônicos têm hoje no cotidiano das pessoas.

Cabe ressaltar que, à exceção de eletroave, em que todas as 20 palavras não-relacionadas foram vagas ou sem nenhuma associação – “*Festa de longa duração*” (A.C.C.F.); “*Não sei*” (I.S.C.) – todas as palavras do grupo C foram também, em maior ou menor grau, associadas a eletrodomésticos/eletroeletrônicos/eletrônicos ou à eletricidade/elétrico/ eletrônico, como mostram os exemplos a seguir:

- (01) eletrofolia – “*liquidação de eletrodomésticos em época de carnaval*” (L.F.C.)
eletrobloco – “*bloco que funciona eletricamente*” (B.O)
eletromaníacos – “*maníacos por eletricidade*” (R.S. do S.)
eletrolual – “*imagem hi-tech de uma lua*” (G.D.)
eletrofestival – “*festival de eletrônicos (produtos)*” (R.C.S.F), “*festival sobre eletricidade*” (G.D.)

O mesmo ocorreu com as palavras do grupo D ‘eletroásia’ e ‘eletromóveis’. Em ‘eletroásia’, as 52 respostas não-relacionadas a eletrodomésticos estão distribuídas da seguinte maneira: 22 respostas vagas (02a) ou sem nenhum tipo de relação (02b); 26 respostas em que eletro- foi associado à eletricidade/elétrico/eletrônico, como mostram os exemplos em (03a) e 3 respostas em que eletro- foi relacionado à música eletrônica (03b):

- (02a) “*mistura das palavras eletrônica e Ásia*” (K. de F. B.)
“*Ásia desenvolvida*” (G.C.)
“*Ásia com mais tecnologia*” (I.C. de C.)
(02b) “*não faço ideia*” (A.C.C.F.)
“*não sei*” (T.L.F.)
“*não tenho a mínima ideia*” (D.A)

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

- (03a) “Sistema elétrico da Ásia” (V.F.C)
“Parte da Ásia que tem atividades econômicas relacionadas à eletricidade”
“Uma companhia de eletricidade asiática” (C.H.A. de S)
- (03b) “Música asiática eletrônica, talvez como o autor de “gangnan style”” (L.T.R.)
“Musica eletrônica asiática” (L.F.C)
“Música asiática com um toque eletrônico” (P. da C.O.)

Em ‘eletromóveis’, das 58 respostas não-relacionadas a eletrodoméstico, 51 fizeram a relação com eletricidade/elétrico/eletrônico, a exemplo de “*São moveis eletrônicos como televisão geladeira*” (D.A), “*Móveis elétricos, ex: poltrona de massagem*” (H. dos S.M.), “*Móveis domésticos que utilizam a eletricidade*” (V.F.C.)

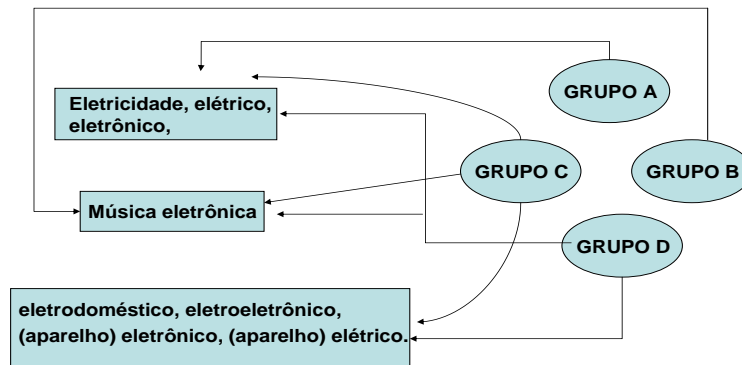
Tudo isso nos mostra que os significados possíveis para o formativo eletro- (eletricidade, música eletrônica, eletrodoméstico) são mais (ou menos) acessados de acordo com a palavra a qual o formativo se junta. Concordamos com Ferrari (2011), ao afirmar que “*ítems lexicais não funcionam como ‘pacotes’ que armazenam o significado, mas atuam como ponto de acesso para sistemas de conhecimento.*” [grifo da autora] (FERRARI, 2011: 20). Sendo assim, não existe um significado fixo e pré-estabelecido para os elementos linguísticos. O significado de um item é, em parte, derivado dos significados dos elementos linguísticos que o circundam.

Palavras como ‘festival’, ‘lual’ e ‘rave’ ativam mais naturalmente o *frame* de evento musical. Diante de uma combinação do tipo ‘eletro + lual’, por exemplo, o falante ativa o significado “eletromusic”, dentre os possíveis significados de eletro- que podem ser instanciados, o que justifica essas terem sido as palavras do grupo C com maior índice de associação à música eletrônica.

Por fim, cabe ressaltar que a maior parte dos informantes declarou não conhecer as palavras do teste. Isso significa que, na maior parte das respostas dadas, prevaleceu a intuição dos informantes com relação à interpretação do formativo eletro- nas várias palavras do tipo eletro-X.

Em suma, vimos que, segundo o critério diacrônico, eletro-, em B e C, são polissêmicos entre si e homônimos em relação ao grupo D. Pelo critério sincrônico, porém, o que se tem é uma variação bastante significativa entre os possíveis significados de eletro-. Esse formativo pode significar eletricidade, elétrico(a), eletrônico(a), música eletrônica, eletrodoméstico, eletroeletrônico, (aparelho) elétrico ou (aparelho) eletrônico. O esquema abaixo resume a rede de significados do formativo eletro- para os quatro grupos apresentados.

⁹ Gangnan style é uma composição do cantor coreano PSY em ritmo de música eletrônica. PSY não se limita a um único estilo musical e suas composições transitam pelo rock, pop, eletromusic, soul e blackmusic.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se, por um lado, as palavras do grupo A e B foram relacionadas respectivamente apenas a eletricidade/elétrico/eletrônico e a música eletrônica, por outro lado, as palavras do grupo C e D foram relacionadas, em maior ou menor grau, aos três significados possíveis para o formativo eletro-. O que se tem, então, são grupos de palavras que, pelo critério diacrônico, são considerados homônimos entre si; pelo critério sincrônico, no entanto, parece não haver uma cisão rígida entre esses grupos, o que comprova, como apontado na seção 3.3, a problemática de esses dois parâmetros poderem levar a resultados contraditórios. Além disso, toda a rede de significados de eletro- corrobora a afirmativa de Silva (2006, p. 49), para quem “*polissemia e homonímia não constituem uma dicotomia estrita, mas antes fazem parte de um continuum de relação de sentidos*”¹⁰.

De todo modo, pelo critério diacrônico, é possível dividirmos as construções eletro-X em três grupos – A, B/C e D. Pelo critério sincrônico, embora não haja uma separação rígida, palavras do grupo A e B são associadas respectivamente a “eletricidade” e “eletromusic”, assim como palavras do grupo C e D tendem a ser, respectivamente, associadas à música eletrônica e a eletrodomésticos. Para a questão da divisão das construções eletro-X em grupos semânticos preferimos manter a seguinte divisão abaixo, fundindo B e C (doravante B) e renomeando o grupo D em C.

Grupo A → eletro = eletricidade
 Grupo B → eletro = eletromusic
 Grupo C → eletro = eletrodoméstico

Já para a questão da análise do estatuto morfológico do formativo eletro- não achamos viável fazer uma análise para cada grupo. Em primeiro lugar porque não há grandes diferenças

¹⁰ Para Soares da Silva (2006), polissemia e homonímia seriam pólos prototípicos de um *continuum*. Num nível intermediário entre as duas categorias estaria a vagueza. Recomendamos o trabalho de Silva (2006) para uma leitura mais detalhada sobre o assunto.

O formativo eletro-: dados históricos e proposta de categorização

em termos do comportamento de eletro- em A, B ou C. Entendemos que as pequenas diferenças se dão justamente pelo caráter movediço do próprio formativo, que figura entre a derivação e a composição e, por isso, não vemos vantagens descritivas e metodológicas em submeter o formativo eletro- ao crivo três análises distintas, cada uma correspondendo a um grupo eletro-X.

REFERÊNCIAS

- ASSUMPÇÃO Jr., A. P. de. Dinâmica léxica portuguesa. Rio de Janeiro: Presença, 1986.
- AULETE, C. Dicionário contemporâneo da língua portuguesa. Versão eletrônica.
- BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In DRESSLER, W. et al. (eds.) Morphology and its Demarcations. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, p. 97-108, 2005.
- BUENO, Francisco da Silveira. Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa. São Paulo: Lisa, 1968.
- CARVALHO, J. G. H. de. Teoria da Linguagem. Vol. 2. Coimbra: Atlântida. 1974.
- CUNHA, A. G. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Rio de Janeiro. Lexikon, 1982.
- CUNHA, C. F. da. Gramática da língua portuguesa. Rio de Janeiro: FENAME. 1980.
- CUNHA, C. F. da & CINTRA, L. F. L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.
- DUARTE, P. M. Contribuição para o estudo do pseudoprefixo em português. D.E.L.T.A., Vol. 15, Nº 2, p. 343-353, 1999.
- FERRARI, L. Introdução à Linguística Cognitiva. São Paulo. Contexto. 2011
- GONÇALVES, C. A. “Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca”: o comportamento das formações combinatórias no português do Brasil. ABRALIN. Vol 10 nº 2. 2012.
- GONÇALVES, C. A. Composição e Derivação: Polos Prototípicos de um Continuum? Pequeno estudo de casos. Domínios da Lingu@gem, Uberlândia, 5, 2011a.
- GONÇALVES, C. GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: Estrutura e Formação. REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem, Porto Alegre, 14, 2011b.
- HOUAISS. Dicionário Digital da Língua Portuguesa - versão 1.0. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- IORDAN, I. y M. MANOLIU. Manual de Linguística Românica. Madrid: Gredos, 1980.
- LI CHING. Sobre a Formação de Palavras com Prefixos no Português Actual. Separata de Boletim de Filologia, 22: 3-100, 1973.
- LÜDELING, A. Neoclassical word-formation. Berlin: Universität zu Berlin, 2009. 91
- MACHADO, J. P. Dicionário etimológico da língua portuguesa. Lisboa. 1º ed 1952, 2º ed 1967.
- NASCENTES, A. Dicionário etimológico da língua portuguesa, segunda triagem da primeira ed. Rio de Janeiro, pág 168. 1955.
- PEREIRA, E. C. Gramática Expositiva. São Paulo: Companhia, ed. Nacional, 1940.
- PISANI, V. Linguistica generale e indeuropea. Torino: Rosenberg & Sellier, 1967.
- SANDMANN, A. J. Morfologia lexical. São Paulo: Contexto, 1989
- SILVA, A. S. O mundo dos sentidos em português: polissemia, semântica e cognição. Coimbra: Almedina, 2006.

João Carlos TAVARES da SILVA

THE ELETRO-X CONSTRUCTIONS: HISTORICAL INFORMATIONS E PROPOSAL OF
CATEGORIZATION

Abstract: *This paper aims to analyze the morphological state of the electro- in Brazilian Portuguese, noting, therefore, the historical behavior of the formative. To do so, it is based on synchronous and diachronic data.*

Keywords: *Morphology; Categorization; Word-formation.*